

Criando e Inovando no 4º Distrito: contribuição das subjetividades empreendedoras em Porto Alegre

Autores:

Luiz Henrique Apollo da Silva

Mestre em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

José Luís Abalos Júnior

Doutor em Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Joana de Oliveira Winckler

Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

DOI: 10.58203/Licuri.21025

Como citar este capítulo:

SILVA, Luiz Henrique Apollo; , abalos júnior, José Luís; WINCKLER, Joana de Oliveira. Criando e Inovando no 4º Distrito: contribuição das subjetividades empreendedoras em Porto Alegre. In: SOARES, Maria de Lourdes (Org.). **Teias Urbanas: Estratégias de Sobrevivência, Transformação e Inovação**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 57-83.

ISBN: 978-65-85562-10-2

Resumo

Após passar por décadas de desindustrialização, o 4º Distrito de Porto Alegre/RS vem sendo centro das atenções da gestão municipal e de investimentos privados para o desenvolvimento planejado e idealizado como um espaço de inovação e criatividade. Esse estudo reflete sobre a reconstrução da paisagem deste território a partir de subjetividades dos agentes empreendedores recém-chegados no local, que repercute em uma nova governança urbana da cidade. Embasados em uma metodologia qualitativa, analisamos a contribuição do empreendedorismo em um território em transformação, a partir de duas grandes aglomerações: a das subjetividades criativas e a dos inovadores. Diferentes implicações desses empreendedores no 4D são discutidos, sendo demarcados pela heterogeneidade em seus formatos de relacionamento com a região e coalizões políticas na cidade.

Palavras-chave: Governança urbana. Cidades Criativas. Revitalização Urbana.

INTRODUÇÃO

Este capítulo é fruto de uma pesquisa iniciada pelos autores no ano de 2020, resultado da combinação das temáticas de interesse e pesquisas correntes e anteriores nas áreas de Sociologia e Antropologia Urbana na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O artigo configura-se, portanto, como um ensaio interdisciplinar, a fim de compreender os sujeitos empreendedores criativos e inovadores que impulsionam subjetividades empreendedoras na construção de uma específica paisagem urbana presente na região denominada como 4º Distrito (4D), que, por sua vez, impacta na governança urbana na cidade de Porto Alegre/RS.

O 4D situa-se na zona norte da capital do Rio Grande do Sul/Brasil e caracteriza-se por ter abrigado o antigo distrito industrial da cidade. Este fato conformou uma região industrial-operária que até os anos de 1960 representava o principal polo econômico local. Este histórico do 4D se faz ainda presente na arquitetura dos antigos galpões de fábricas e das casas operárias em fita. “O processo de suburbanização e metropolização das atividades industriais” (Silva, 2019:55), iniciado nos anos de 1980, gerou a desindustrialização da área e o 4D passou a ser significado como um território “em abandono” até a primeira década do século XXI e, posteriormente, a ser lócus de diferentes projetos e iniciativas que visam sua revitalização. Na contemporaneidade, a “reconversão econômica” proposta e articulada por agentes públicos e entidades, o 4D figura na agenda pública local como área central para o desenvolvimento urbano e econômico da cidade de Porto Alegre. Os projetos de “requalificação urbana privadas, agências internacionais e organizações da sociedade civil, se inserem, dessa forma, em um contexto de competitividade global e internacionalização da cidade (Silva, 2019).

A delimitação atual do 4D se estende das proximidades da Estação Rodoviária (no Centro Histórico) até o Aeroporto Internacional Salgado Filho (extremo norte), um amplo trecho que abrange extensas avenidas que conectam Porto Alegre à sua região metropolitana. Esta delimitação entre as duas principais ligações - aérea e terrestre, além de ter uma linha ferroviária que passa pela região, também banhada pelo Lago Guaíba - não é mero acaso: trata-se de uma posição estratégica para facilitar o escoamento produtivo das antigas indústrias e que, atualmente, fomenta a atração de possíveis investimentos. Cinco bairros estão inseridos no perímetro que compõe o 4D, são

eles: Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá; os quais apresentam características demográficas, sociais e econômicas muito diversas.

É nesse escopo que, desde meados de 2012, são aglomeradas novas atividades que levam a visibilidade de eventos culturais e de inovação, bem como de atração de investimentos da economia criativa. Inicialmente com feiras e pequenos comércios locais, alguns espaços começaram a abrir, aproveitando-se do local somente com reformas do antigo bairro operário do Floresta para posteriormente ser ampliado geograficamente para as outras regiões. Articulações dos pequenos produtores e agentes culturais criaram uma rede chamada Distrito C e a partir dela foi se atribuindo uma nova marca de valor ao 4º Distrito (Silva, 2019). Alguns locais de maior atração de profissionais e empreendedores também começam a surgir no espaço. O Espaço Multicultural Vila Flores é um dos marcos mais importantes de restauração histórica, atração de eventos culturais, criação de um local de cooperação entre novos profissionais que buscam um espaço solidário, criativo e inovador para elaborar seus negócios.

Conforme mostraremos a seguir, a área começa a ser enaltecida pela mídia local que percebe o espaço como um atrativo de investimentos devido suas 'singularidades culturais e vocações econômicas'. A partir de então, o governo municipal também começa a se interessar na região como uma forma de salvação econômica, remodelamento para atração de negócios, de capital humano e de articulação para a cidade de Porto Alegre poder se inserir aos fluxos de investimentos mais inovadores. Paralelamente e em articulação, espaços de *coworking*, cafés, locais de festas e bares passam a ser criados com o fim de aglomerar e revitalizar o espaço, ou seja, determinar a região como uma ampla área de atração de investimentos, de criação de parcerias entre tecnologia, conhecimento e entretenimento noturno, enaltecendo o território como um espaço adequado aos serviços de profissionais com um determinado perfil: inovador e criativo.

Projetos de operação urbana consorciada, que se ligam a empréstimos e consultorias internacionais como o projeto Masterplan¹ (Masterplan, 2016) dão base aos discursos políticos e midiáticos para visar melhorias e adequações econômicas ao espaço.

¹ Elaborado em 2016, a pedido da Prefeitura à Fundação da Escola de Engenharia (FEEng) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Masterplan é um projeto urbanístico para a região do 4º Distrito com diferentes estratégias, por isso, um instrumento a ser usado conforme as articulações políticas convenientes. O seu propósito principal é a reversão do processo de degradação da área, pela atração de investimentos econômicos que visam estabelecer na região *clusters* de negócios, empreendimentos imobiliários para adensamento populacional, qualificação do patrimônio construído, com financiamento de intervenções e priorização de PPPs (NTU-UFRGS, 2017).

Além do mais, articulações dos principais interessados entre o empresariado local, construtoras e incorporadoras, *coworkings*, universidades e prefeitura se juntam e criam o Pacto Alegre², encabeçando, mais tarde, o Programa +4D. Portanto, o 4D vem sendo palco de disputas de projetos e investimentos entre diferentes agentes que participam do planejamento urbano e que vislumbram transformá-lo em um distrito de inovação e criatividade. Os debates sobre as reestruturações econômicas iniciadas a partir de meados de 2012, aliam-se aos regimes urbanos de privatização dos serviços, financeirização da cidade, articulando investimentos dos empreendedores como forma de experimentação para construção de um novo regime urbano de cidade empresarial em Porto Alegre, que relaciona novas paisagens urbanas às aderências das subjetividades empreendedoras. Nesse contexto, o problema de pesquisa que está atribuído a este artigo consiste em: *Como as subjetividades empreendedoras criativas e inovadoras do 4º distrito relacionam-se com projetos de governança urbana de Porto Alegre?*

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo de investigação sobre o 4D supõe um desenho metodológico flexível, aberto à incorporação de atores sociais emergentes que aparecem no trabalho de campo (Guber, 2009). Através de uma proposta de pesquisa qualitativa fazemos usos de elementos metodológicos como análise documental, análise de mídia, entrevistas semi-estruturadas, usos de imagens e observação direta através de caminhadas pelo território do 4º Distrito.

O campo empírico é construído através do mapeamento das áreas em transformação, diários de campo, descrição de localidades, agentes e eventos importantes de debates e enaltecimento da região.

A análise de documentos se refere a dois modelos de fontes: uma primária vinculada a documentos da administração pública municipal, outra secundária relacionada a reportagem e matérias divulgadas por canais de mídia tradicionais. Os documentos

² O Pacto Alegre está organizado em torno de seis macrodesafios, quais sejam: a) atração e retenção de talentos; b) transformação urbana através de ambientes inteligentes e criativos; c) geração de um ecossistema inovador de classe mundial; d) promoção da imagem da cidade; e) melhoria da qualidade de vida através do bem-estar com saúde, educação, segurança, cultura e meio ambiente; f) modernização da administração pública qualificando o acesso de serviços para a população e para empresas). O Pacto Alegre propõe cerca de 40 projetos de intervenção urbana e de gestão da cidade (PACTO ALEGRE, 2022).

gerados pela prefeitura de Porto Alegre a serem analisados aqui dizem respeito a grandes projetos de intervenção urbana, mais detalhadamente apresentados no “MasterPlan” e na governança do “Pacto Alegre”. Através de um processo de divulgação em suas plataformas, imagens de projetos que são de possível acesso público e trazem elementos interessantes, como a idealização paisagística de como o território é projetado para o futuro.

Na análise de mídia (reportagens ou notícias veiculadas) nosso interesse recai em uma “ideologia do crescimento” (Logan, J. & Molotch, H. 1987) apresentada por empresas do ramo da mídia de massa que divulgam uma diversidade de narrativas e de imagens do território do 4D. A midiaticização das transformações urbanas nessa região se torna mais evidente no processo de pesquisa em que somos atravessados por notícias do 4D semanalmente. Essa cobertura jornalística não é apenas prolífica, mas também diversa nos jornais locais. Foram analisados grandes divulgadores de massa da região: Jornal do Comércio, Zero Hora, Correio do Povo e Sul21. As representações do 4D mudam com o tempo e variam de acordo com a plataforma de divulgação. Nesse sentido cabe-nos um olhar crítico a estas matérias percebendo que são fontes secundárias que passam pelas políticas das redações (Male, 2000) e também um olhar sociológico que abrigue outras fontes de mídia alternativa, além dos jornais de grande circulação.

A seleção das pessoas a serem entrevistadas foi se realizando à medida que avançava o processo de investigação, partindo em princípio do olhar dos atores sociais (habitantes, artistas criativos, gestores públicos, etc). Portanto, o número de entrevistados não foi definido a priori, realizando-se uma “construção progressiva na mostra” (Glasser y Strauss, 1967), mecanismo que permite adicionar casos ou unidades de análise não previstas, que resultem significativas. O roteiro de entrevista foi previamente construído levando em conta questões de trajetória de vida, vínculos com o bairro, parcerias com organizações públicas e privadas e dinâmicas do empreendedorismo. Tendo em vista as três pesquisas envolvidas, neste trabalho foram consideradas quatro entrevistas realizadas com representantes da classe criativa e inovadora, que foram identificados nas etapas de análise documental para este artigo.

Já a observação direta (May, 2000) associamo-la como a produção de imagens fotográficas do território e de participação em eventos presenciais ou remotos³. Caminhar

³ Estivemos presentes em alguns eventos como parte de uma observação participante, para entender quais os principais pontos de debate e de posicionamento dos atores-chave da região, como por exemplo o *South Summit Brazil*, realizado no ano de 2022.

pela região permitiu uma visualização de elementos de transformação territorial e a captação de imagens do 4D nesses itinerários de caminhada gerou um acervo imagético que pode ser composto com outras experiências de coleta de dados. Ao todo foram realizadas três caminhadas pelo 4D, mais especificamente nos bairros Floresta e São Geraldo que condensam muitos elementos estéticos relacionados a um patrimônio industrial, assim como são territórios alvos para novos empreendimentos. Nossa meta foi caminhar pelas ruas do 4D fotografando-as através de uma pergunta norteadora: “quais são as transformações paisagísticas acopladas na ideia de inovação e criatividade, que estão atribuídas à paisagem urbana do território?”. Inspirados por tal questão, produzimos uma série de materiais em forma de narrativas que contam histórias sobre a região. Algumas das imagens são apresentadas a seguir (Figura 1), apontando a diversidade de elementos que fomos vinculando à análise do artigo.



Figura 1. Paisagens do 4D. Fonte: acervo dos autores, 2021.

Essa metodologia de base junto às técnicas metodológicas utilizadas, levou a pesquisa a compreensões sobre o território, a partir dos projetos de investimentos relacionados aos agentes empreendedores que se inserem no 4D. Para construir uma análise sociológica e antropológica com a perspectiva de uma arena de relações de poder em um território em transformação, a pesquisa se apoiou em um referencial teórico fundamentado na cidade empresarial como “pensamento único”, nas subjetividades empreendedoras ligadas a ela e a criação de uma nova paisagem urbana adequada a esta revitalização. E é este detalhamento teórico na pesquisa que será compreendido a seguir.

TRANSFORMAÇÃO URBANA E EMPREENDEDORISMO: A RECONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM NO 4º DISTRITO

Apoiados nos escritos de David Harvey (2001), compreendemos que o dinamismo capitalista impacta nas cidades a partir de uma constante transformação, produzindo uma geografia histórica distintiva e transformando a paisagem física e social da urbanização segundo a lógica de circulação e acumulação do capital. Existiria, portanto, um processo dialético de feitura da cidade, na qual ela é tanto condição de processos sociais de transformações em andamento, quanto produto dessas mesmas condições.

Para Harvey (2001), a partir das décadas de 1970 e 1980, haveria uma reorientação das posturas das governanças urbanas nos países capitalistas mais avançados. A governança urbana, nos termos do autor, consiste em um conjunto de forças mobilizadas por diversos agentes que ampliam o poder real de reorganização da vida urbana, que extrapola a lógica de “governos locais”, transformando-os apenas em coordenadores e incentivadores de uma determinada vida social da *urbe*. A reorientação de suas posturas diz respeito a substituição de um planejamento urbano de tipo administrativista - marcante nas décadas anteriores, cujo cerne estava atrelado à racionalidade, à funcionalidade e o zoneamento do urbanismo moderno - por um planejamento, supostamente, mais eficiente, inovador e empreendedor, que inaugura aquilo que o autor chama de “empreendedorismo urbano”. Esse, por seu turno, estaria ligado, sobretudo, à flexibilização: da estrutura produtiva em relação ao território, da organização da unidade de produção (que se fragmenta), das relações de trabalho, da crescente diversificação dos produtos, dos mercados, da informação, do conhecimento, entre outros - tudo alimentado pelos significativos avanços tecnológicos que marcaram a virada de século (Maricato, 2005).

Harvey (2001) observou empiricamente os principais elementos que caracterizariam o empreendedorismo urbano, como a institucionalização da noção de parceria público-privada, o objetivo de atrair fontes externas de investimentos e empregos e sua atividade especulativa em relação a riscos, através da execução de projetos especulativos, por vezes, fragmentados, em detrimento de projetos racionalmente planejados e coordenados nas cidades. Segundo o autor, tal movimento evidenciaria o enfoque na economia política em lugar do território, isto é, estariam sendo privilegiados projetos de centros culturais, de varejo, de entretenimento e empresariais em detrimento de projetos ligados a temas

como moradia, educação, saneamento, entre outros. Contudo, para se realizar de fato tal movimento, foi necessária a emergência de um consenso no bojo das governanças urbanas, no qual tanto os vínculos entre setores públicos e privados se estreitaram, quanto a ideia de que os governos locais deveriam prezar pela eficiência, competitividade e rentabilidade com o objetivo de atrair novos empreendimentos e investimentos para suas cidades. Mais que isso, os governos locais deveriam ser capazes de “imprimir sua própria marca empreendedora e empresarial, enfrentando a grande mudança econômica e social provocada pela reestruturação tecnológica e industrial” (Blunkett e Jackson, 1987, p.108-142 *apud* Harvey, 2005:165). Nesse contexto, criam-se estratégias de *marketing urbano*, sobretudo a partir de consultorias internacionais, que inserem as cidades, de acordo com Vainer (2000), nos modelos propugnados pelo receituário neoliberal: o mercado externo qualifica a cidade como mercadoria, ao mesmo tempo que ela própria se transforma em cidade-empresa (Vainer, 2000).

Acompanhando a perspectiva crítica de Harvey (2005), Maricato (2015), Rolnik (2017) e Arantes, Vainer e Maricato (2000), apontam que este processo de reestruturação marcada pelo aprofundamento do planejamento neoliberal conformou não apenas a urbanização em escala global, como a própria urbanização brasileira. Arantes (2000), por exemplo, aponta como a cultura local pode transformar-se, ela mesma, em um *marketing urbano* com o objetivo de atrair capital externo, funcionando como uma vitrine. Nesse sentido, a cultura se transmuta em uma das mercadorias possíveis para inserir as cidades nos fluxos globais de financiamento e investimento.

As práticas de empreendedorismo urbano, portanto, passam a ser entendidas como um único caminho para projetar as cidades. Tal consenso é tão intrincado na governança urbana contemporânea que Arantes (2000) classifica-o como a emergência de um “pensamento único” que orienta ações e discursos de agentes locais em sintonia com os ensinamentos dos *cases* de sucesso globais, frequentemente consultados. Nesse contexto, a globalização teria impulsionado nas cidades a eliminação das barreiras espaciais para produzir diversas paisagens geográficas apropriadas a essa dinâmica de reorganização do espaço que, por sua vez, dá sustentação constitutiva à acumulação do capital, através de uma incessante reterritorialização (Harvey, 2005), cujos elementos da eficiência, da criatividade, da inovação e do empreendimento passam a ser centrais no seu planejamento e funcionamento.

A remodelação constante do 4D é um exemplo de uma região que vai se adequando às novas diretrizes globais de acumulação flexível para atração de um capital de maior liquidez. São gerados eventos e planejamentos urbanos a partir de coalizões empresarial e representações do estado à nível municipal, criados benefícios fiscais, empréstimos internacionais e alocação de empreendedores da área de inovação e tecnologia transformando uma paisagem industrial para a destinação de serviços criativos e inovadores. É assim que são estabelecidas ações de coalizão ao território do 4º Distrito, para torná-lo um ativo financeiro, a partir da demonstração de vantagens comparativas de um espaço destinado a investimentos: a aglomeração de novos empreendimentos atrai capital e trabalhadores flexíveis que revitalizam o lugar. Os empreendedores trazem o caráter em rede e colaborativo de um mundo profissional que passa a ser construído a partir da multiplicidade de encontros e conexões temporárias, e diversificado culturalmente, portanto, cosmopolita e globalizado. Conforme aborda Boltanski e Chiapello (1999), são os projetos que oportunistam essas conexões para negócios que criam valores, ampliam as redes, embora temporárias, adequando-se às “flexibilizações”.

O caráter de vantagem desse profissional são suas conexões, habilidade comunicacional, espírito aberto e curioso, flexível, autônomo e que, por isso, busca espaços que facilitem essa liquidez de capital. É aí que os projetos de uma cidade destinada aos novos investimentos empresariais confluem no processo de financeirização: adequam a paisagem urbana para ser atraente ao capital e ao profissional. E os locais de *coworkings* e de espaços multiculturais acabaram sendo os espaços ideais para essa confluência de destinação de novos investimentos e novos projetos.

Especificamente no 4D, observa-se essa mudança de perspectiva de projetos do final de década de 1990, com a emergência de uma agenda urbana desencadeada pelo novo modelo de organização sociotécnica ancorada no conhecimento, na ciência e na tecnologia, como o programa Porto Alegre Tecnópole (PAT) (Marx; Araújo; Souza; 2021). Já em 2016, o projeto Masterplan aprofunda essa tendência, com redes internacionais de valor do capital informacional, associando a região a emergência de um *cluster* de negócios ancorado em conceitos como *smart cities*, distritos criativos e áreas de inovação tecnológica para atração de investimento e promoção de parcerias público privadas (NTU, 2016), a fim de construir uma cadeia produtiva que atraia empresas âncora como *startups* e incubadoras. Segundo Clark (2020), projetos de cidades inteligentes promovem e facilitam o novo modelo de flexibilidade do trabalho enquanto uma forma de

empreendedorismo urbano individualizado, posicionando cidades e vendendo-as como espaços de mudança tecnológica e produção do consumo emergente na economia do conhecimento. Nesse sentido, as cidades tornam-se espaços experimentais de serviços e trabalhos flexíveis, fazendo com que as práticas de empreendedorismo urbano convirjam com os projetos de cidades inteligentes e cidades criativas para remodelar a paisagem física das cidades.

É nesse sentido que podemos identificar mudanças de dinâmicas paisagísticas no 4D. Filiando-nos à perspectiva de Sharon Zukin (1993), a paisagem não apenas denota o significado geográfico usual de "ambiente físico", mas também se refere a um conjunto de práticas materiais e sociais e sua representação simbólica. (Zukin, 1993:4). Nesse sentido, o que o 4D nos apresenta é uma paisagem híbrida com uma preponderância estética relacionada a permanência de edificações dos tempos da industrialização de Porto Alegre: grandes galpões e chaminés antigas podem ser vistas como representações materiais de um processo de gradativo abandono do ambiente construído da cidade pós-industrial (Ley, 2010). Assim como essa mesma paisagem "vernacular" (Frank; Yamak; 2018) que carrega consigo uma estética da ruína, vem sendo reapropriada pelos projetos que se apresentam como renovadores deste território.

Para Zukin (1993) tais resquícios das antigas paisagens industriais são uma faceta do poder do capital financeiro nas grandes metrópoles, pois podemos pensar no fato que "a grande quantidade de ruínas e pequenos ambientes desocupados ou abandonados são propriedades de agentes com grande capital financeiro" (Zukin, 1993:6). Isso significa que corporações poderosas financeiramente têm uma capacidade proeminente de impor sua visão na paisagem - enfraquecendo, remodelando e deslocando a vista do vernáculo. Por isso, "fazer uma paisagem" é, também, recriar a topografia natural em imagens de poder e essa mesma paisagem industrial, como é o caso do 4D, é hoje caracterizada por uma "evocação" para novos usos do mercado.

Se a paisagem urbana pós-moderna é repleta de apropriações culturais, podemos perceber isso através da proliferação dos empreendimentos criativos e inovadores no 4D. É perceptível aqui um interesse na preservação histórica ou restauração de antigas casas e galpões, pois há uma "propriedade estética" atrativa com potencial de *marketing urbano*. Afinal, como diz um dos nossos interlocutores de pesquisa, "quem não gostaria de tomar cerveja ao lado de uma antiga fábrica de cerveja do século passado?". Zukin (1998:82) reflete sobre esse processo abordando a paisagem urbana pós-moderna, através

da restauração e renovação de antigos lugares e sua renovação como espaços de consumo na última moda.

Nesse sentido podemos perceber um “fetiche” pela paisagem industrial (Bridge, 2001), tanto pela agradabilidade estética, quanto pelo potencial de acumulação de capital que elas evocam. As paisagens do 4D, assim como a caracterização feita de outras paisagens industriais (Lloyd, 2010; Brown-Saracino, 2013, Zukin, 1993), dizem respeito a idealização da “destruição criativa” da paisagem industrial, no sentido de que há um fenômeno de (re)investimento econômico e simbólico que busca a produção de “ilhas de prosperidade em meio às ruínas da era industrial” (Zukin, 1993). Portanto, configura-se um processo de apropriação de paisagens industriais no 4D por empresários criativos e inovadores que é, justamente, uma paisagem pensada para quem quer atrair um público específico, tal como, jovens urbanos com poder de consumo e flexíveis a reestruturação laboral.

É sob essa perspectiva de empreendedorismo urbano que observamos as justificativas nas atuações, nas transformações e nas chegadas de capital de determinados profissionais ao 4D. São empreendedores inovadores e criativos de diversas áreas que formam redes de experiências, conhecimentos, informações e espírito de colaborativismo, enaltecidos nos discursos e campanhas publicitárias institucionais. Tais agentes interagem com o governo local, conformando uma governança urbana, cujo cerne marca a transferência de um administrativismo burocrático às práticas de empreendedorismo urbano. É sua subjetividade que recria de forma complementar as novas paisagens do 4º Distrito, cujas atuações serão analisadas a seguir.

SUBJETIVIDADES EMPREENDEDORAS: CRIATIVAS E INOVADORAS

Subjetividades criativas e inovadoras têm sido fomentadas por diferentes agentes na cidade de Porto Alegre, em especial na região do 4º Distrito. Se por um lado, desde 2010, assistimos a um advento do Distrito Criativo que vem agregando uma migração de artistas para região (Silva, 2019), por outro lado também percebemos iniciativas privadas de *coworking* de *startups* como a Fábrica do Futuro, bem como projetos público-privados da articulação como o Pacto Alegre, que evidenciam esse processo. Desta forma, agora

nos direcionamos a uma reflexão sobre como tais debates de políticas urbanas estão relacionados a trajetórias de atores sociais e projetos de vida na cidade.

As fronteiras entre subjetividades criativas e inovadoras, como veremos, são tênues. Em muitos casos há um processo de convergência no que se refere a trajetórias de empreendedores criativos e inovadores, principalmente quando nos referimos a marcadores sociais da diferença como classe e raça. Da maneira oposta, percebemos descontinuidades importantes entre os dois campos como a visão sobre as parcerias possíveis com o poder público e privado. Isso não quer dizer que homogeneizamos um campo do que chamamos aqui de criativos e inovadores. Há diferenças internas entre estes coletivos que têm graus variáveis de coesão social. Neste contexto, apresentamos inicialmente uma experiência de empreendedorismo criativo e passaremos para outra de experiência de empreendedorismo inovador e demonstraremos como é possível realizar uma comparação destes dois campos.

Subjetividade Criativa

Espaços criativos foram os primeiros a serem criados no 4º Distrito, através da aglomeração entre artistas, pequenas lojas e agentes ligados ao setor cultural da cidade no bairro Floresta, local que possui melhores indicadores de urbanização, infraestrutura e renda, além da presença marcante de um importante patrimônio histórico e cultural, comparado ao restante do 4D (SILVA, 2019). Além daqueles pequenos comerciantes já inseridos, principalmente brechós e antiquários, a partir de 2012, alguns empreendimentos chegaram ao bairro atraindo novidades com suas ideias de eventos e atratividades de um novo público ao local, ainda desvalorizado.

Enumeram-se alguns importantes marcos. Primeiramente, os eventos culturais e debates com os moradores que criaram a Associação Refloresta, encabeçada pelo antigo proprietário do Hostel Boutique. Este empresário elaborou uma rede que fazia pequenos encontros culturais/comerciais como brechós em rua, poesias nas janelas, feiras de alimentos, pequenas limpezas e reformas nas ruas pelos próprios moradores ou como pressão social à prefeitura. A rua São Carlos, neste início, passou a ser atrativa por ser onde a maior parte desses eventos ocorriam e empreendedores estavam localizados.

Na mesma proximidade, um grande espaço abandonado é herdado por uma família que começa a investir e trazer diferentes públicos ligados à arte e a arquitetura para reformar e criar a Associação Cultural Vila Flores. Mantendo a construção desenhada pelo

renomado arquiteto da cidade Lutzenberger, o Vila Flores é uma associação privada que adota colaboração em aluguéis para diversos setores da área criativa: *design*, arquitetura, artes, cafés, hortas urbanas e promove diferentes eventos como seminário, feiras, exposições e festivais, no seu espaço múltiplo. Aos poucos sua ampla atuação e atratividade cultural e econômica fez o Vila Flores estar entre as principais rotas culturais da cidade, além de construir diversas articulações com os moradores e comerciantes locais.

Paralelamente, outros pequenos negócios começam a se instalar no bairro, assim como alguns, que até então estavam invisibilizados no local, começam a ser reconhecidos. Uma das principais propulsoras desse reconhecimento para o fortalecimento desses empreendedores e artistas foi a criação, por um idealizador, da marca Distrito Criativo (ou Distrito C). Amparados nas narrativas de economia criativa, essa rede agrega mais de 80 agentes com diferentes negócios (cinema, artes plásticas, cafés, agências de publicidade, brechós, casas de festa, espaços de *coworking*, ...) e foi enaltecida pela sua aglomeração conveniente pelo território ainda pouco valorizado, mas reconhecido pela potencialidade dos empreendedores que ali se estabeleciam com seus produtos e serviços diferenciados. A promoção de contatos, eventos, atividades de integração, de preservação e visitas, de contribuição às melhorias dos patrimônios ambientais e históricos desenvolvidas por este idealizador começaram a criar uma imagem lúdica e criativa ao território, sendo visada pelos investidores públicos e posteriormente por maiores investidores privados.

Essas articulações elevaram os meios midiáticos locais a iniciar um enaltecimento da região a partir de uma ideia de valorização das "singularidades culturais e vocações econômicas" (UNESCO, 2009) da cidade, pela novidade dos setores considerados criativos, atribuindo referências de órgãos internacionais como a UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento). A economia criativa passou a se tornar a aparente salvadora para a retomada econômica daquele território supostamente ocioso e também para atração de maiores investimentos à cidade.

Ao mesmo tempo em que são pioneiros no espaço, esses novos ocupantes também reivindicam um olhar mais universal e de visibilidade às conflitualidades e às desigualdades presentes na produção do espaço urbano. É o que está composto nos ideais da cidade criativa, relacionados a economia criativa, constituído pela revalorização de ambientes favoráveis a investimentos em cultura, tecnologia e conhecimento, valorizando

as culturas locais como um ativo diferenciado (Landry, 2005). Dessa forma, seu posicionamento acaba sendo de mediador no debate sobre o direito à cidade atribuído com a chegada de novos investidores e tentando valorizar a cultura local, o que gera ambiguidade na articulação entre as tendências de mercado e a inclusão cultural e a arte participativa.

Os criativos ali inseridos, segundo uma das interlocutoras, reconhecem-se como empreendedores 'pé no barro', ou seja, que trazem adaptabilidade e criatividade com o que existe no território e por isso, tentam manter uma relação de pertencimento com a região a partir de vínculos e construção de comunidade junto à vizinhança. Um dos projetos mais significados da relação de empreendedores criativos com a comunidade do entorno se chama “De Vila a Vila”. Segundo uma empreendedora social (como se denomina), o Vila Flores não deseja ser um “disco voador” no território e busca realizar dois movimentos: o primeiro é ir até comunidades carentes do entorno elaborando projetos como o de construção de uma pista de skate e o de angariar fundos para construção de novos espaços de reciclagem modernos para geração de renda na região, enquanto que o segundo é convidar a comunidade para estabelecer uma relação mais próxima com o espaço do Vila Flores. Este segundo movimento ficou expresso na produção de uma exposição denominada “Você (também) está aqui!” sobre o 4º Distrito de Porto Alegre e no lançamento do livro sobre o projeto.

Na publicação buscamos ecoar as vozes deste território, retratando as muitas mãos que, juntas, estão costurando, modelando, pintando, plantando, construindo, reciclando e se impulsionando pelos caminhos, para que possamos chegar em um lugar mais coletivo, de bem viver para todas e todos. É uma utopia possível, que não podemos deixar de sonhar⁴

Além desse relacionamento com a vizinhança com projetos diversificados, há uma preocupação direta com a preservação histórica a partir do patrimônio local, a fim de utilizá-lo como parte turística e de embelezamento do território. As visitas acompanhadas pelo idealizador do Distrito C é um excelente exemplo de alguém que se preocupa em mostrar o charme discreto das paisagens ignoradas da região, assim como traz Elsa Vivant

⁴ Acesso em 20 de Julho de 2022. Link: <https://www.brasildefatores.com.br/2022/03/17/vila-flores-lanca-livro-sobre-o-projeto-de-vila-a-vila-nesta-segunda-feira-21>

(2012) em sua descoberta sobre as cidades criativas. Em uma das narrativas de entrevista com esse interlocutor, o agente demonstra esse foco que vincula o reconhecimento histórico do espaço sob o ponto de vista de enaltecimento dos empreendimentos criativos que surgem no local:

Mais interessante que as grandes fábricas antigas, de difícil acesso e localização de seus proprietários, são os pequenos sobradinhos. São eles que dão a cara do Distrito Criativo porque são de fácil acesso. São aproveitáveis porque são que os artistas gostam, é um lugar que pode ter um restaurante, um atelier, um empreendimento criativo. Esses pequenos espaços, que dão a autenticidade da história do bairro e que fazem o Distrito Criativo ser o que é.

São estes agentes que deslocaram uma virada cultural para o bairro, trazendo um público externo para conhecer o 4D e que, posteriormente, foi sendo elevado para interesses de parcerias institucionais e de maiores empreendimentos financeiros e econômicos na criação de projetos urbanos e de atração de investimentos. Um marco institucional importante para o bairro Floresta que estipulou essa retórica de visibilidade de um *upgrading* cultural foi a chegada do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), que se utiliza dos mesmos elementos de reconfiguração de um antigo galpão para criar um local de atratividade cultural e criativa. A seguir, mostramos alguns elementos característicos desses locais criativos (Figura 2).



Figura 2. Ambientes criativos no 4D. Fonte: acervo dos autores, 2021.

É notório o adensamento de profissionais criativos na região que passa a atribuir ao território novos parâmetros de urbanização ao mesmo tempo em que preservam as memórias de organizações sociais de outros ofícios, moradia ou espaços de lazer que já conduziam a determinados valores daquele território. Utilizam-se de elementos artísticos embasados no muralismo, nos museus e na arquitetura do território para alavancar um turismo local aos novos frequentadores. Exemplo de narrativa desse chamarisco ao local é narrado por um empreendedor a seguir:

Eu acho que ele [referindo-se ao Distrito Criativo], não totalmente, mas em boa parte ele acaba atraindo pessoas e negócios que tem essa vontade de fazer algo pela cidade. Então, acaba que boa parte dos empreendimentos ali, além de se preocuparem com seu fluxo de caixa, com seu RH. Eles também já chegam com a preocupação sobre o território. De escolher ir para o 4º Distrito pra fazer parte desse movimento de mudança. Acho que quem aluga imóvel lá pra colocar um restaurante, por exemplo, nas mais das vezes não é uma pessoa que tá pensando o restaurante simplesmente como uma fonte de receita e um cálculo. É a pessoa que aluga por que gosta dessa ideia de qualificar o território e quer fazer parte disso. Então ele como causa e como consequência ele acaba unindo o empreendimentos nesse interesses comum assim.

Os criativos, portanto, acabam sendo empreendedores mais fixados ao território do 4D, além de criar vantagens comparativas para o seu desenvolvimento a partir dos locais. Exemplos de eventos produzidos pelo Vila Flores e o Distrito C com a vizinhança são inúmeros. Podemos citar: Palco Giratório, Projeto Simultaneidades, Virada Sustentável, Deslocamentos 4D, TransverCidade, Rendez-vue e Conexões Globais, eventos culturais que fomentam debates e discussões sobre as transformações urbanas da região. São nesses eventos que os criativos se posicionam como mediadores de diferentes agentes interessados no 4D: universidades, prefeituras, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, associação de moradores. Portanto, acabam por ter um posicionamento de maior criticidade aos investimentos no território, que não passam por debate e participação popular. Mesmo que, com resistências, tentam atrair os diferentes agentes cujas posições são divergentes para tentar construir pontos de convergência nos projetos

articulados do 4D, mantendo seus interesses de alavancar a região para um espaço de melhor qualidade de vida.

Subjetividade inovadora

No que se refere às subjetividades empreendedoras inovadoras, entendemos toda uma vasta gama de agentes que decidiram apostar com seus negócios no território do 4D, com uma atenção especial a atores sociais que tenham uma cultura de empreendedorismo familiar e/ou que tenham um processo formativo na área da inovação. Exemplos de subjetividades inovadoras e suas relações com o território do 4D podem ser apresentados através das relações/percepções destes agentes com algumas áreas específicas dessa região, como a Avenida Voluntários da Pátria. Embora ainda marcado pelo processo de desindustrialização, hoje esse território apresenta novas características sociodemográficas como a presença Vila Santa Terezinha e de muitos galpões de reciclagem, sendo uma das partes mais controversas do 4D.

Nesse sentido, ruas como a Avenida Voluntários da Pátria são percebidas como obstáculos para os inovadores, na medida em que seriam mais inseguras e degradadas, fazendo com que a imagem de inovação trazida por seus empreendimentos encontre, nas ruas, as contradições de sua própria instalação na região. O que ocorre é que ao invés de investirem em tais territórios, os empreendimentos preferem focalizar em outras regiões do 4D, como aquelas pertencentes ao Distrito Criativo, os entornos de regiões de entretenimento, como o Circuito Cervejeiro ou aquelas mais destacadas por projetos do Pacto Alegre. Por outro lado, no entanto, em uma *live* sobre empreendedorismo na região⁵, uma jornalista aponta essa relação dos empreendedores com esse território como

O que mais me encanta no 4D é essa capacidade dos empreendimentos transformarem os prédios que eles ocupam e dar uma nova vida para o lugar! No 4D os empreendedores não demoliram nada... são empreendedores sem trator. Se a Voluntários te dá uma sensação ruim... os empreendimentos estão mudando isso. Os empreendimentos resgatam a essência e a história do bairro e isso é uma volta ao passado porque ali já

⁵ Durante o período de pandemia e necessidade de isolamento social muitas *lives* sobre empreendedorismo e o 4D aconteceram em plataformas de redes de mídias sociais.

foi a principal região de negócios da cidade! Então não é fake, é revitalização através das iniciativas empreendedoras.

O movimento de aglomeração de empreendimentos de inovação na região é comemorada e incentivada pelas administrações municipais, através da criação de fundos de inovação e isenções para tais empreendimentos. O atual prefeito, por exemplo, ao falar do atual Programa +4D para a região, evidenciou que o movimento de resgate do “potencial da região” partiu dos próprios empreendedores inovadores e que, caberia ao poder público a viabilização do desenvolvimento do território, seja para moradores, seja para futuros trabalhadores inovadores e criativos (Tomasi, 2021b).

Alguns exemplos de empreendedores inovadores, que chegaram posteriormente à consolidação do Distrito C, são a Fábrica do Futuro, no bairro Floresta, o Nau Live Spaces, no São Geraldo, e o Instituto Caldeira, no bairro Navegantes. Estes espaços são caracterizados como *coworkings* e associados a ambientes de ecossistemas de inovação. Eles mantêm relações profícuas com a prefeitura de Porto Alegre, ao mesmo tempo que atraem investimentos e *marketing* urbano para a cidade e para a região do 4D. Os três empreendimentos, instalados em grandes estruturas e que envolvem grandes investimentos, passaram a receber e promover eventos e encontros que disseminam uma “cultura startup” no município, cujas características apontam para a colaboração e agilidade como marcas de uma nova estrutura organizacional de trabalho disseminada por empresas de tecnologias e inovação.

A Fábrica do Futuro (FdoF) é fruto de uma transformação de uma fábrica de enfeites natalinos de Porto Alegre, atualmente com 4000m², por parte de seus filhos herdeiros, para gerar um “ecossistema de inovação e empreendedorismo que busca promover um ambiente saudável para o nascimento e crescimento de boas ideias e grandes empresas em Porto Alegre” (Fábrica do Futuro, 2022). Enquanto um *coworking* de alta qualidade, envolvendo diferentes estruturas e sediando um dos mais qualificados estúdios de música da América Latina, o Áudio Porto, foi aclamada pela mídia como grande disseminadora da inovação na região do 4D, recebendo, inclusive, o Diploma Honra ao Mérito pela Câmara Municipal de Porto Alegre (Fábrica do Futuro recebeu..., 2019), pois “não apenas traz o que existe de mais avançado no mundo para Porto Alegre, como leva nossa Capital e a região para o centro do palco mundial das inovações” (Idem).

O Nau Live Spaces, por sua vez, é um complexo de cerca de 3000m², antes o Clube Gondoleiros - tradicional clube de social e recreativo de imigrantes italianos famoso por seus bailes carnavalescos - que foi reformado por investidores imobiliários e transformado por duas irmãs em um arrojado espaço de *coworking*, com o objetivo de “democratizar a inovação e apoiar as empresas para os desafios do presente, mas principalmente do futuro” (Nau Live Spaces, 2022). A relação entre a Prefeitura e o Nau Live Spaces também são de proximidade, e pode ser exemplificada nos projetos Hands on 4D e Living Lab, do Pacto Alegre. O primeiro trata de um projeto de revitalização criativa do 4D, com o objetivo de desenvolver intervenções urbanísticas no território, enquanto o segundo trata do teste de novas tecnologias: ambos incorporariam as quadras do entorno do *coworking*.

Por fim, o Instituto Caldeira é um dos mais comemorados e destacados ecossistemas de inovação, instalado em uma área de 22.000 m² de um antigo complexo industrial da AJ Renner transformado, por suas 42 empresas fundadoras, em um espaço “destinado para atividades relacionadas à inovação e à nova economia, além de ser sede de empresas e operações de pesquisa, tecnologia e inovação” (Instituto Caldeira, 2022). O empreendimento se destaca, sobretudo, por se tratar de um dos projetos do Pacto Alegre que hoje sedia a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo (SMDET) da capital, pois, conforme argumenta o antigo responsável pela secretaria, “com o rápido avanço da tecnologia, não é mais possível trabalhar pelo desenvolvimento econômico de uma cidade sem ter um olhar muito atento para a inovação. Integrar o poder público com esse ecossistema é um passo importante para Porto Alegre” (Tomasi, 2021)

Tais empreendimentos possuem grandes investimentos, seja proveniente de recursos familiares, seja de investidores, como empresas que desejam tornar-se âncoras para atração tanto de outros investimentos, como de *startups*. A existência destes empreendimentos inovadores na mesma região agiu como um componente fundamental para a criação dos fundos de inovação e dos incentivos fiscais para a implementação de empresas de base tecnológica no 4D, bem como a própria imagem do 4D como o potencial distrito de inovação da cidade de Porto Alegre. A seguir, são apresentadas imagens destes locais (Figura 3), que nos mostra a sua ampla área, de destaque na região.

Agentes de subjetividades inovadoras são os maiores responsáveis por uma corporatização (Harvey, 1989) do território por relações de financeirização (Brenner, 2020) articuladas através de redes global-local e parcerias público-privadas. Muitos destes agentes inseridos no 4D não tinham um vínculo com essa região antes dela ser idealizada

como em ecossistemas de inovação na cidade de Porto Alegre. Nesse contexto, é notável que o território possuidor de grandes galpões desativados e baixa densidade populacional, torna-se atraente para alguns setores do campo da inovação, como os ligados aos *coworkings*, aceleradoras e incubadoras de *startups*. E além do mais, por sua posição conectada em rede, associa a região do 4D para projetos como outros distritos criativos e inovadores pelo mundo, como o Vale do Silício, na Califórnia e o Distrito 22@ de Barcelona, sucessivamente citados em eventos de inovação na cidade.



Figura 3. Ambientes inovadores no 4D. Fonte: acervo dos autores, 2021.

Existe, portanto, uma identificação entre a região e a inovação, como uma vocação, que não aparece apenas em projetos (como Masterplan, Programa +4D, Pacto Alegre, etc) e discursos, como também a partir da iniciativa dos próprios empreendedores, conforme afirmou um interlocutor, se existe um lugar em Porto Alegre para a inovação, *teria que ser* o 4º Distrito. Já outro interlocutor percebe que "uma das formas de inovar é desenvolver a região onde está inserido". Nesse sentido as subjetividades inovadoras são aquelas que idealizam o desenvolvimento para o território vinculadas a ideia de novas formas de trabalho e colaboração. Estes modelos de desenvolvimento não são neutros e buscam ampliar a perspectiva neoliberal de planejamento urbano (Arantes, 2006) realizando uma articulação entre mercado e formas de governança.

Atraindo jovens empreendedores e empresas âncora, tais empreendimentos ganharam proeminência na agenda pública da cidade, fomentando uma governança urbana em torno da inovação em que empresas, setor público, universidades e sociedade civil se organizam para aplicar a inovação e a cultura startup no município, como exemplifica o posicionamento do atual prefeito que centraliza a inovação na agenda

urbana da cidade. Segundo o prefeito, em evento observado pelos pesquisadores, seria necessário investir em cursos e eventos para promover “mudanças de mentes”, na medida em que a inovação só seria possível através de “pessoas inteligentes”.

Essa fala remete a como as subjetividades inovadoras estão não só modificando a paisagem do território de Porto Alegre e auxiliando nas propostas de projetos para a áreas, como também estão inseridas por dentro do setor público, se materializando na agenda de desburocratização da máquina pública que demonstra que “a prefeitura é amiga do empreendedor” e que deseja construir um ambiente “favorável aos negócios”, sobretudo de inovação, tendo como objetivo transformar Porto Alegre em referência de *smart city*, cidade inovadora e cidade das *startups*.

Subjetividades Empreendedoras Criativas e Inovadoras: aproximações e distanciamentos

Através dessa descrição de subjetividades criativas e inovadoras buscamos seguir nosso problema central nesse texto e estabelecer aproximações e distanciamentos entre as mesmas. Essa comparação se apresenta como importante pela melhor delimitação do público que fomenta e frequenta territórios como o 4D, que é heterogêneo e apresenta distintas perspectivas sócio-políticas, mas também converge em vários sentidos, como no capital familiar investido nos empreendimentos. Cabe dizer que o movimento que foi e está sendo pensado enquanto política urbano-econômica-cultural para o 4D se trata de um movimento global já experimentado por outras metrópoles como Baltimore (Ponzini; Rossi; 2010), Barcelona (Charnock; March; Ribera-Fumaz; 2021), entre outras.

Esse movimento urbano vai em direção a atração de subjetividades criativas e inovadoras de uma classe criativa (Florida, 2005), que tem como característica o talento, a tecnologia e a tolerância. Essas três características aliadas levariam as cidades, e seus distritos criativos e inovadores, em direção a um maior desenvolvimento social, artístico, tecnológico e, principalmente, econômico. Contudo, as teorias da classe criativa de Richard Florida, assim como a da Cidades Criativas de Charles Landry, já foram extensivamente questionadas, principalmente no que se refere aos impactos das “políticas da criatividade” em territórios imaginados como criativos e inovadores (Mould, 2018; Vanolo, 2013; Abalos Junior, 2022). Dentre tais consequências estaria a curiosa contribuição destas políticas em prol do desenvolvimento tecnológico e criativo para o

enobrecimento de regiões, o que resultaria em uma questionada gentrificação (Zukin, 1989).

Apesar dessas semelhanças entre os inovadores e criativos, percebemos diferenças nas abordagens destes empreendedores, quando comparados a sua atuação *in locus* no 4D em Porto Alegre. Na pesquisa, percebemos uma distinção considerando o seu histórico nos bairros, a sua relação com a vizinhança, o seu posicionamento com o poder público, as distintas preocupações com o investimento, a espacialidade e a territorialização, a forma de projeção na cidade e o *marketing* em que eles se relacionam. São as subjetividades criativas e inovadoras comparadas e sintetizadas no quadro a seguir, que trazem esse pioneirismo na relação com o território do 4D, em suas particularidades de atuação.

Tabela 1. Comparação Criativos e Inovadores no 4D.

	Empreendimentos Criativos	Empreendimentos Inovadores
Relações com vizinhança	Inserção	Desafio
Posicionamento ao poder público	Acompanhamento relativo	Integração com a administração
Investimento	Capital econômico familiar/ Procura de editais culturais	Capital econômico familiar / Acesso a fundos de inovação
Espacialidades	Floresta	Disseminados
Territorialização	Objetivam usar o território de forma adaptativa às novas economias urbanas	Objetivam modificar o território de maneiras disruptivas às novas economias urbanas
Projeção da cidade	Porto Alegre como Cidade Criativa	Porto Alegre: Smart City ou Startup City
Marketing Urbano	Territórios Criativos	Ecossistemas de Inovação e de tecnologia

Fonte: Elaborada pelos autores, 2021.

Para tanto, os empreendedores criativos do 4D denotam uma experiência mais aglomerada no bairro Floresta, em sua maioria utilizando-se do patrimônio dos pequenos sobrados, por isso, tem seus investimentos ligados a economias familiares e alguns, de maior importância, já consolidam seus centros multiculturais com o financiamento por editais de cultura provindos do estado do Rio Grande do Sul, de autarquias federais ou de projetos internacionais. Por outro lado, os inovadores estão em grandes galpões disseminados pela região por necessitarem de áreas maiores e tiveram necessidade de grandes investimentos, provenientes principalmente do capital econômico familiar ou de fundos de inovação privados.

Outra distinção entre os criativos e inovadores está na sua relação com a vizinhança que repercute na territorialização ao 4D. Enquanto os criativos têm uma inserção maior e objetivam usar o território de forma adaptativa às novas economias urbanas, os inovadores veem a vizinhança como um desafio ainda a ser integrado e têm como objetivo modificar o território de maneira ‘disruptiva’ às novas economias urbanas. Afinal, são estes empreendedores criativos e inovadores que fortalecem e fomentam ideias atreladas a projetos de empreendedorismo urbano na cidade e se utilizam das paisagens vernaculares para atração de público consumidor, cada qual com objetivos e olhares distintos.

Apesar de ambos terem uma postura de agente econômico, eles constroem relações e ligações diferentes, sobretudo na perspectiva de governança urbana. Os criativos prospectam o 4D a partir de uma agregação de valor ao território cuja cultura local tem papel crucial como diferencial para o processo de desenvolvimento estético e funcional de atratividade turística, preservação do patrimônio histórico e criação de redes com estímulo à participação social. Estes elementos compõem os ideais da cidade criativa em que o Distrito C e o Vila Flores, por exemplo, atuam para produção de espaços de fomento de pequenos empreendimentos, feiras e shows. Neste sentido, o direcionamento para a criação de um ‘território criativo’ torna-se um novo atrativo turístico inserido *em* Porto Alegre. Por outro lado, os inovadores caracterizam-se por seus vínculos com a administração pública municipal para projetos urbanos que tenham como horizonte a inserção no fluxo de mercado de tecnologia e de informação. Estabelecem assim uma relação direta com seus ideais de *smart cities* (Clark, 2020) e cultura *startups* para construir uma nova economia urbana ao local, interligando-se diretamente a governança urbana *da* cidade de Porto Alegre.

Como já citado anteriormente, existiria, portanto, uma relação profícua entre as últimas administrações municipais e tais empreendimentos inovadores, em que ambos incentivam transformações no território do 4D para criar um ecossistema de inovação, bem como da agenda urbana local, que passou a apropriar-se de uma “cultura da inovação” e “cultura startup”. Além disso, o marketing urbano passa a ser direcionado para a construção da imagem de “cidade inovadora” e “cidade inteligente”, pois seria “amiga do empreendedor”, sobretudo aquele proveniente do campo da inovação. Nesse sentido, podemos identificar o projeto “Cidades das Startups (Startup city)”, que objetiva “tornar Porto Alegre líder nacional e referência internacional na geração de negócios inovadores (startups)” (Pacto Alegre, 2022), como um marco desse processo.

A presença e influência desses empreendimentos inovadores na governança urbana de Porto Alegre, em especial do 4D, consolida-se na organização do Pacto Alegre, cujos princípios estão no que denomina Vainer (2000), dos neoplanejadores, que se espelham na empresa enquanto unidade de gestão e negócios para modificar a cidade. Tem uma postura que tem como horizonte o mercado e tomada de decisões que criam expectativas no e pelo mercado (Vainer, 2000) e por isso atraem distintos investimentos imobiliários, financeiros, de infraestrutura e, mais recentemente, do entretenimento, o que acarreta na atratividade de determinado perfil profissional e de consumidor. E dessa miscelânea que os criativos e inovadores do 4D se misturam na nova composição da paisagem, apesar de ter abordagens diferenciadas e que recriam a heterogeneidade num território em transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte espacial da pesquisa foca na revitalização urbana de Porto Alegre, com destaque para o território do 4D. O 4D é idealizado como um território promissor para a cidade criativa e a Smart City. Empresas de tecnologia e inovação se concentram no 4D, promovendo novas dinâmicas de trabalho e atraindo investimentos públicos e privados. O local também se tornou um centro de entretenimento. Projetos na região visam posicionar Porto Alegre globalmente, incentivando a inovação, criatividade e digitalização da administração pública. A presença dos empreendedores criativos e inovadores no 4D transforma a paisagem urbana e impulsiona a economia. O território está sendo remodelado para se tornar uma "cidade empresarial", atraindo investimentos e promovendo o empreendedorismo urbano. Essa transformação está alinhada à governança urbana da cidade, que busca projetos eficientes e adequados às novas práticas de empreendimento. A presença dos empreendedores criativos e inovadores visibiliza uma nova condição urbana em Porto Alegre, impulsionando o rebranding da cidade. A readequação do espaço do 4D é prioridade em articulações políticas, atração de investimentos e recuperação econômica.

REFERENCIAS

ABALOS JUNIOR, José Luís (2022). A vida nas paredes pobres: etnografia processos visuais em contradição. In: *Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia*. Niteroi, v. 54, p. 411-434.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (2000). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, Vozes.

ARANTES, Pedro Fiori (2006). “O ajuste urbano: as políticas do Banco Mundial e do BID para as cidades”. *Pós - Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, São Paulo, n. 20, p. 60-75.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève (1999). *El nuevo espíritu del capitalismo*. Madrid, Gallimard.

BRENNER, Neil (2020). “Máquinas de crescimento urbano-mas em que escala?”. In: QUEIROZ, Luiz César (org). *As metrópoles e o capitalismo financeirizado*. Rio de Janeiro, Letra Capital/Observatório das Metrópoles.

BRIDGE, Gary (2001). Estate agents as interpreters of economic and cultural capital: the gentrification premium in the Sydney housing market. *International Journal of Urban and Regional Research*, Cardívio (Pais de Gales), v. 25, n. 1, p. 87-101.

BROWN-SARACINO, Japonica (2013). *The gentrification debates: a reader*. Nova York. Routledge.

CHARNOCK, Greig; MARCH, Hug; RIBERA-FUMAZ, Ramon (2021). From smart to rebel city? Worlding, provincialising and the Barcelona Model. *Urban Studies*, York, Reino Unido, v. 58, n. 3, p. 581-600.

CLARK, Jannifer (2020). “Smart cities as the new urban entrepreneurship”. In: CLARK, Jannifer. *Uneven Innovation: the work of smart cities*. New York, Columbia Smart Press.

Fábrica do Futuro recebeu Diploma Honra ao Mérito da Câmara Municipal de Porto Alegre. PORTAL PRESS (2019). Disponível em: <<http://revistapress.com.br/jornal-da-capital/fabrica-do-futuro-recebeu-diploma-honra-ao-merito-da-camara-municipal-de-porto-alegre/>>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

FÁBRICA DO FUTURO (2022). Disponível em: <<https://fabricadofuturo.com/>> . Acesso em 28 de julho de 2022.

FLORIDA, Richard (2005). *Cities and the creative class*. Nova York, Routledge.

FORTES, Alexandre (2004). *Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Porto Alegre, Garamond.

FRANK, Bruno José Rodrigues; YAMAKI, Humberto Tetsuya (2018). “A Paisagem Vernacular Segundo Perspectivas de Sauer, Hoskins e Jacksoni”. *Caminhos da Geografia*, Uberlândia, nº 19, pp. 245-256.

HARVEY, David (2001). *A Produção Capitalista Do Espaço*. Londres, Annablume.

HARVEY, David (1989). From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance in late capitalism. *Geografiska Annaler: series B, human geography*, v. 71, n. 1, p. 3-17.

INSTITUTO CALDEIRA (2022). Disponível em:<<https://institutocaldeira.org.br>> . Acesso em 28 de julho de 2022.

LANDRY, Charles (2005). *Creativity and the city: Thinking through the steps*. Londres, Urban Reinventors Paper Series.

LEY, David (2010). “Introduction: Restructuring and dislocations.” In: BROWN-SARACINO, Japonica. *The Gentrification Debates*, New York, Routledge,

LLOYD, Richard (2010). “Neo-bohemia: Art and commerce in the postindustrial city”. In: BROWN-SARACINO, Japonica. *The Gentrification Debates*. New York, Routledge.

LOGAN, John R.; MOLOTCH, Harvey (1987). *Urban fortunes: The political economy of place*. Berkeley, Univ of California Press.

MARX, Vanessa; ARAÚJO, Gabrielle Oliveira de; SOUZA, Vitoria Gonzatti de (2021). Relação global-local e transformação urbana no 4º distrito de Porto Alegre. *Revista Política e Planejamento Regional*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 2, pp.273-296.

MATTAR, Leila Nesralla (2010). *A modernidade em Porto Alegre: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º Distrito*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MELE, Christopher. (2000). *Selling the Lower East Side: Real Estate, Culture, and Resistance in New York*. Minneapolis, University Of Minnesota Press.

MOULD, Oli. (2018). *Against creativity*. Londres, Verso Books.

NAU LIVE SPACES (2022). Disponível em:<<https://nau.live/>>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

NTU-UFRGS - Núcleo de Tecnologia Urbana (2017). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *MASTERPLAN 4D: Operação Urbana Consorciada para Revitalização Urbana e Reconversão Econômica do 4º Distrito de Porto Alegre*, Porto Alegre.

PACTO ALEGRE (2022). Disponível em: <<https://pactoalegre.poa.br/projetos/4o-ciclo-de-projetos-cidade-das-startups-startup-city>> Acesso em: 19 de julho de 2022.

PONZINI, Davide; ROSSI, Ugo (2010). Becoming a creative city: The entrepreneurial mayor, network politics and the promise of an urban renaissance. *Urban studies*, York, Reino Unido, v. 47, n. 5, p. 1037-1057.

ROLNIK, Raquel (2017). *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo, Boitempo Editorial.

SILVA, Luiz Henrique Apollo da (2019). *Reestruturação urbana do bairro Floresta: uma vitrine para o projeto de cidade criativa de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TOMASI, Manoela (2021b). *Programa +4D busca acelerar desenvolvimento do 4º Distrito*. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/programa-4d-busca-acelerar-desenvolvimento-do-4o-distrito>> Acesso em: 18 de julho de 2022.

TOMASI, Manoela (2021). *Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Turismo será transferida para Instituto Caldeira*. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/smdet/noticias/secretaria-do-desenvolvimento-economico-e-turismo-sera-transferida-para-instituto>>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

VAINER, Carlos. “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano”. In: *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, São Paulo, Vozes.

VANOLO, Alberto (2013). Alternative Capitalism and Creative Economy: the Case of Christiania. *International Journal of Urban and Regional Research*, Londres, v. 37, n. 5, pp. 1785-1798.

ZUKIN, Sharon (1993). *Landscapes of power: from Detroit to Disney World*. Berkeley, University of California Press, 1993.

ZUKIN, Sharon (1989). *Loft living: Culture and capital in urban change*. New Brunswick, Rutgers University Press.

ZUKIN, Sharon (1996). Paisagens pós-modernas urbanas: mapeando cultura e poder. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 24, pp. 80-103.